

# Uma Roseira no Caos do Mundo-Cimento

Mercedes Bertoli Martins \*

Os temas da opressão, da consciência do fracasso, da angústia e da loucura perfazem a atmosfera de *Quatro Olhos*, em que o real e o irreal são dois núcleos em torno dos quais se desdobra a narrativa.

Assim, tematizando a loucura como válvula de escape a um sistema social opressor, e, ao mesmo tempo, como forma de ressaltar uma realidade, Renato Pompeu faz uma crítica ao contexto cultural vigente, através de uma personagem que, perdida no caos de um mundo dilacerado, busca na criação literária, o refúgio como forma de libertação às inquietudes, às contradições e opressões em que é envolvida.

A angústia dessa personagem desorientada é o registro de um gradual esvaziamento de perspectivas e da consciência do desencanto do ser humano, diante de uma realidade falsa e ilusória.

O recurso do autor tentando reescrever partes de um livro perdido, e, inserindo-as gradativamente na narrativa à maneira de fragmentos soltos e difusos, permite a percepção de fatos históricos que se tornam mais significativos por virem somados às datas e acontecimentos alusivos à década dos anos 70.

Percebe-se que o romance não é uma denúncia viva, pois o autor desloca seu aspecto principal para conflitos secundários, através de uma diluição em que o particular, de menor monta, desvela uma verdade histórica concreta, onde medra a impotência das personagens, frente a um contexto de caráter opressor.

A personagem-narradora, perdida no seu próprio mundo e lutando contra o vazio, os desmandos históricos e a violência, realiza um mergulho no mundo irreal — a loucura — que se lhe afigura como índice de lucidez, onde “tudo é perfeito e absoluto, lógico e reto, sem reentrâncias ou desastres”. (p. 110)

O retorno à realidade e a consciência do próprio fracasso, acentuam a verificação da ausência de sentido de sua vida; a personagem procura sua

---

\* Aluna do curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira — UFSC.

identificação e não encontra referência no mundo objetivo: “O mundo concreto e verdadeiro estava dentro do meu cérebro”.

O irreal, então, quebra a ordem e corrompe o racional, num movimento que vem de fora para dentro: “Nesse livro eu punha coisas que vinham de fora de mim, mas eram pedaços significativos do que estava em volta, que obedeciam à minha lei interna” (p. 110).

Essa imersão no mundo subjetivo, às vezes absurdo e fantástico, significa uma chamada muito clara, a indicar que, para o autor, a fuga para o irracional não representa apenas uma fantasia da personagem ou o produto do seu subconsciente, mas revela seu conflito e a sua impotência ante uma sociedade mutilada e mutiladora que se está desintegrando, e em que o vazio cada vez mais se afigura como imperativo.

A crítica do autor, somada à ironia, estende-se não somente ao sistema, mas a diversos fatores que retratam o momento presente: o irracionalismo de nossa sociedade, as multinacionais, os psicólogos, o desperdício no contrato de professores assistentes, a volubilidade do sexo, a falência da literatura, as aparências, enfim, a influência da língua estrangeira num país onde os brasileiros vivem como “turistas a desfrutar o povo” (p. 88).

Pode-se observar ainda uma certa gama de ironia na intertextualidade inserida nas entrelinhas, dirigindo o texto, volta e meia, a outros modos de leitura. O encaixe de alguns provérbios, por exemplo, assinalam certa recusa do narrador ao mundo coletivo a que pertencem, pois, transgredindo a sua sequência lógica, ele modifica-os em favor de seu pensamento individual. Vejamos:

“Deus atrapalha quem cedo trabalha”.

“Mais vale um pássaro voando do que dois na mão” (p. 43).

Quanto à estrutura, a narrativa se desenrola segundo a cronologia absurda da personagem: pode-se observar um corte incisivo entre as três partes que compõem o livro — *DENTRO*, *FORA* e *DE VOLTA* — que, apesar de diferentes se amalgamam num todo.

A primeira parte, que desvela a fuga ao irreal, é caracterizada pelo monólogo interior, num texto descontínuo e desestruturado, manifestando, conseqüentemente, o ilogismo formal e temático.

Já a segunda parte, coerentemente montada, é narrada na terceira pessoa e focaliza a personagem como observadora do mundo externo,

quando internada num hospital psiquiátrico. A terceira parte, finalmente, mostra o retorno da personagem, a qual — na fuga através da escrita — procura reencontrar as peças soltas, as “imagens perdidas” de seu livro apreendido pelas forças opressoras.

A revelação da realidade se dá, então, através da literatura, onde a escrita é índice de verdade, aliando a ficção à fidelidade dos fatos históricos.

O romance, assim, desprende-se do esquema tradicional e ganha um aspecto fragmentário mediante a ruptura do desenvolvimento linear, assinalado pela desordem à seqüência cronológica dos fatos e à inversão proposital dos capítulos. É um assunto este, bastante evidente no autor que, usando a literatura como tema, mostra a sua preocupação com o “fazer poético”, quando afirma que “no livro fazia espertamente simpáticas artimanhas cronológicas, jogando com um tempo estético, uma das sutilezas infundáveis da obra” (p. 28).

É como se observássemos um mosaico esfacelado em milhares de pedaços, refletindo a realidade e, ao mesmo tempo, desmantelando-a, para melhor salientar a desarmonia que a preside.

Essa desintegração da narrativa linear pela inserção de freqüentes fragmentos — pedaços significativos no dizer do autor — aparentam peças partidas que exigem a reunião para adquirirem um significado.

A ligação entre essas peças desautomatiza o leitor das formas tradicionais de leitura, exigindo sua participação, a fim de que seja produzida a conexão lógica.

O que se verifica em *Quatro Olhos*, finalmente, é a construção de uma obra que alcança unidade estilística e temática e que elabora, de forma original e criativa, a percepção do real, estabelecendo uma perfeita adequação entre a realidade de seus seres conflituados e a descontinuidade do texto narrativo.

O conteúdo profundo da obra e a linguagem artesanal construídos com um toque de alto teor qualitativo, mostram-se à altura de um escritor maduro que enfatiza a idéia de que o texto se faz, se trabalha, se tece através de um entrelaçamento perfeito, onde se acham inseridas as forças da criação, o jogo de tensões e descobertas, que afloram em toda obra poética que se preza, como condição mesma da produção de um texto.

Concluimos finalmente que, recorrendo ao refúgio da escrita como forma de expressar a realidade, a personagem perfaz a imagem-símbolo

do arquétipo de hoje: o homem fragmentado, partido que, colocado diante de si próprio, verifica a própria solidão, o desencanto da sua vida, a inutilidade de seu destino. Mas que, tal a roseira que permanece inalterável “no meio da ilha da avenida”, sobrevivendo à poluição, à máquina, ao cimento e ao concreto, assim a personagem resiste à destruição, procurando — através da criação literária — recuperar sua identidade perdida, encontrar armas para “esculpir seu mundo”, e, finalmente, manter sua integridade individual em meio à corrupção das massas.

“Fui aplaudido, mas o caos, a anarquia desenfreada, a sociedade desconjuntada prosseguiram em seus maléficos desígnios” (p. 34).

#### BIBLIOGRAFIA:

POMPEU, Renato. *Quatro Olhos*. Ed. Alfa-Ômega, 1976.